

Planejamento democrático e a nova ciência da sociedade

KARL MANNHEIM

(Da Escola de Economia e Ciência Política de Londres)

Trad. de Ottolmy Strauch

Atendendo ao pedido que lhe fizemos, dignou-se o Prof. Karl Mannheim, a maior autoridade contemporânea em planejamento democrático, enviar o presente ensaio com o qual abrimos este número da Revista.

Assim como os dois ou três séculos anteriores foram a época das ciências naturais e técnicas, acha o Prof. Mannheim que o atual século será dedicado ao estudo das ciências morais e sociais, e aos problemas de planejamento democrático. Neste estudo, de caráter semi-popular, mostra ele como a construção de uma ordem social sã depende de nossas habilidades em desenvolver um novo tipo de sociologia.

Planejamento, para ele, não é uma questão de economia ou urbanismo: é a deliberada reconstrução da sociedade como um todo, compreendidas todas as esferas da vida social. E o planejamento real é o planejamento democrático — não a manipulação direta de vidas, credos e crenças, mas a cuidadosa e prudente redistribuição de circunstâncias sociais, o estabelecimento de uma estrutura planificada, dentro da qual haja possibilidade para os ajustamentos espontâneos, para as forças vivas e criadoras dos indivíduos e grupos. Os instrumentos dessa nova técnica social, ainda em elaboração, serão a sociologia e a psicologia, ou, em uma palavra, a psicologia social.

Autor de fama internacional, conferencista, professor da London School of Economics and Political Science, o Dr. Mannheim dirige atualmente a "Biblioteca Internacional de Sociologia e Reconstrução Social", em

preendimento cultural dos mais grandiosos que tenham surgido após a guerra.

Em vista de suas múltiplas e absorventes ocupações não pôde o Prof. Mannheim, como explicou e justificou, em carta, escrever, como pretendia, um ensaio inédito, a tempo de alcançar o presente número da Revista. Por esta razão o estudo que, data venia, divulgamos foi originariamente publicado em *World Review*, junho de 1942 (N. R.).

UM sociólogo, chamado Thrasher, deixou uma vez a torre de marfim da especulação e desceu ao estudo dos gangsters de Chicago. Sua idéia era de que as reformas devem basear-se no conhecimento direto dos fatos, e que se, por exemplo, se pretende reformar bandos de jovens que estão se tornando uma ameaça à sociedade, a primeira coisa a fazer é descobrir como são eles, como vivem e o que determina o seu comportamento. Mas uma partícula isolada de conhecimento não é suficiente; por isso, Thrasher estudou não menos do que 1.313 bandos e retornou dessa experiência com não poucas observações de interesse sociológico geral. Cada um desses bandos, descobriu ele, é um mundo próprio, com seu clima mental próprio e peculiar; mas a despeito de suas dissimilaridades os bandos têm muitos aspectos em comum. Há modos semelhantes de comportamento e funções sociais similares. A influência do pequeno grupo sobre os seus membros torna-se tão forte que eles não mais podem ajustar-se às tarefas que enfrentam na vida fora do grupo. Por esta razão Thrasher chegou à conclusão de que qualquer tentativa para reformar ou influenciar esses rapazes deve ser dirigida a eles, não como indivíduos, mas

como parte de seu grupo. É inútil ensinar, discursar ou pregar a tais jovens; o único meio de atingi-los é através do grupo. Se se conseguir lançar novos ideais e ambições ao bando inteiro, pode-se esperar transformá-los em membros úteis da sociedade. Esta é uma importante lição para aqueles que demasiado depressa atribuem más ações a um mau caráter, à má índole ou a uma disposição pecaminosa, ao passo que muitas vezes são somente o resultado de vitalidade mal dirigida que não pôde encontrar uma saída adequada na sociedade.

Um amigo meu, que lida com os problemas de refugiados neste país, (Inglaterra), falou-me a respeito de um certo número de senhoras idosas que não podiam encontrar aqui um nicho próprio para si próprias, uma vez que haviam visto melhores dias e se ressentiam de fazer qualquer trabalho que consideravam rebaixamento social. Finalmente, alguém teve a idéia de formá-las em pelotões cooperativos, cuja função seria a de fazer urgentes trabalhos coletivos, tais como limpar hospitais e escolas. Muito embora êsse trabalho seja mais ou menos tão subalterno e *déclassé* como qualquer outro oferecido individualmente, elas estão entusiasmadas a respeito e parecem esquecer tôdas as noções de prestígio sob o estímulo do novo espírito de grupo. Há um novo e visível propósito nobilitante no grupo e o novo grupo redefiniu seu papel social. Sem esta experiência, um observador teria pensado que o caráter destas senhoras e sua atitude para com a vida fôsem fixas; tricotar, bordar, queixar-se da vida e ofender-se a qualquer sugestão de trabalho parecia ser seu destino traçado.

Somos demasiado inclinados a pensar sobre nós mesmos e nossos semelhantes em termos fixos; um covarde está sempre amedrontado, uma mocinha tímida é sempre retraída, um mau trabalhador é sempre lerdo e preguiçoso. Mas o covarde pode ser ativíssimo dentro de um grupo em luta e o valente soldado pode ser facilmente acovardado pelo seu superior. A mocinha tímida e encabulada pode ser bastante desembaraçada com sua mãe e irmãs no seu meio familiar, no seu lar; e o trabalhador preguiçoso pode provar ser um membro eficiente de uma equipe. Assim, a elasticidade do comportamento humano parece ser muito maior nos vários ambientes de grupo.

Formamos tais retratos rígidos das pessoas, somente porque estamos acostumados a vê-las em tão poucas situações estabelecidas. A idéia de influenciar o comportamento, não através do comando direto, mas através da manipulação da estrutura de grupo, isto é, do uso hábil das forças sociais operando no grupo, surge como uma promessa do futuro. A mesma idéia de utilização dos poderes auto-reguladores inerentes à vida de grupo parece ter impulsionado Homer Lane na sua experiência da Pequena Comunidade. Ele pediu às autoridades que pusessem à sua disposição um certo número dos mais incuráveis rebeldes e delinquentes juvenis. Levou-os a viver com êle em uma pequena e isolada fazenda na Inglaterra e não lhes impôs qualquer norma ou proibição. Deixou-os fazer o que quisessem e é fascinante ver-se como uma ordem social gradualmente se desenvolveu da anarquia completa — iniciada, controlada e aceita pelos próprios turbulentos. Quando chegaram à fazenda, os rapazes comportavam-se da maneira mais desregrada. De modo a quebrar seu negativismo, Homer Lane fez uma experiência. Deixou que o rapaz mais agressivo espatifasse tôda a louça de chá com uma barra de ferro e finalmente ofereceu seu próprio relógio de ouro para que o jovem o arrebatasse no chão. O rapaz manteve o relógio na mão esquerda, mas não encontrando resistência, fraquejou e não pôde destruir o relógio. Seu negativismo e resistência haviam sido quebrados. Depois dessa crise, o grupo começou a construir o seu próprio mundo, inventando para êles, por assim dizer, a instituição de auto-governo. Êles baixaram suas próprias regras de conduta e gradualmente chegaram a sentir-se responsáveis por suas próprias decisões e pela vida da comunidade como um todo. Assim, os poderes autorreguladores de pequeno grupo muito naturalmente transformaram êsses tipos especiais e incuráveis em cidadãos com senso de responsabilidade social.

Os Soviéticos também fizeram uso do método de grupo. Em seu conceito de competição socialista, êles usaram a competição entre grupos como um incentivo ao trabalho. Êles verificaram que aquela mesma pessoa "furosa" e destacada, sob condições de competição individual, se tornava leal ao grupo, quando organizada como uma equipe em competição com outros grupos. É o

espírito dos campos esportivos da Inglaterra que foi transferido para as escolas, fábricas e fazendas da Rússia Soviética. Ele transformou o trabalhador egoísta em um que voluntariamente ajuda ao seu companheiro de trabalho, de modo a levantar o rendimento do grupo ao qual ambos pertencem. Do mesmo modo, o estudante inteligente ajuda os companheiros menos dotados, pois o trabalho da classe é responsabilidade de todos os seus componentes.

Estes exemplos têm uma coisa em comum: mostram um novo modo de encarar o estudo e compreensão do homem. No passado, nossos melhores filósofos, psicólogos e educadores pensavam no homem como um indivíduo, tal como o encontramos em contatos diários com amigos, clientes ou estudantes. Assim, eles o viam como um indivíduo isolado e, inconscientemente, sempre o desprendiam do seu fundo social. Em consequência, eles compreendiam somente a maneira individualista de encarar o homem. Viam, por exemplo, o professor ensinando ao aluno, o padre apelando à consciência individual, o psicólogo observando seu paciente no consultório.

O novo desenvolvimento nas ciências que dizem respeito ao homem consiste no fato de que elas estão tendendo a se tornar sociológicas, isto é, elas não desprendem o indivíduo nem de seu grupo nem de seu meio social, e levam em conta todas as influências que atuam sobre eles, através de seus respectivos grupos. A primeira fase da compreensão do significado da vida de grupo ocorreu, quando alguns autores ressaltaram como os homens se comportam diferentemente em multidão e isolados. A esse tempo, o conhecimento do homem como um ser social abrangia apenas dois aspectos: de um lado, o indivíduo, que sempre é mais ou menos razoável e refletido, e, de outro lado, as massas, que são irracionais e quebram coisas e convenções. Para muitas pessoas, psicologia social e sociologia ainda significam pouco mais do que isto, a saber, o estudo do homem em multidão.

Pensar sobre grupos ou sociedades em termos do conceito atomístico não significa mais do que multiplicar por centenas, milhares ou milhões o mesmo comportamento observado no indivíduo. Ainda não se concebe, suficientemente, que a vida em grupo não consiste somente em ser parte de

uma multidão, mas que há uma grande variedade de tipos de grupos, todos diferindo em organização e tendo um efeito diferente sobre os indivíduos que os compõem. A família, por exemplo, difere, como grupo, da equipe esportiva; o club, do sindicato. Através das funções que preenche, cada um deles exerce uma atração diferente sobre o indivíduo e provoca um tipo diferente de comportamento. Não há normas e códigos em abstrato, exceto aquelas promulgadas por grupos sociais. Há o código do Exército, da Igreja ou do Estado, há códigos regulando nossa vida doméstica ou nossas relações de negócios; há os códigos de profissões antigas, e há também os códigos autônomos dos bandos delinquentes. Do mesmo modo, não há lealdade em abstrato, somente lealdade a um ou mais desses grupos. Onde não há grupos ou instituição, como o Estado, para coordenar essas lealdades, o caos e a incerteza ocorrerão.

É muito difícil apreender esse ser fictício, o indivíduo como tal, de quem tanto se falou no período atomístico do pensamento sobre as questões humanas. O que chamamos de *eu* individual, o sujeito no homem que obedece a normas e segue a códigos, é sempre correlacionado com esses centros de grupo de onde emanam códigos e avaliações. Não há um *eu* abstrato, tangível, em cada indivíduo, mas esferas do *eu* relacionado com os grupos ao qual está ligado. Dentre papéis diferentes, ele desempenha, primeiro, o de uma criança em casa, na "nursery"; depois, como um rapaz na escola e no "play-ground"; em seguida, como um pai ou cidadão, e, assim por diante, desenvolve sua personalidade peculiar.

A personalidade existe, de fato, é claro, mas não completamente seccionada, e, além desses vários papéis sociais. Mas não mais procuramos salvaguardar sua autonomia pela admissão de que permaneça ela incólume ao tempo e circunstâncias, como concebemos que, do desafio do meio circundante, ela surge como uma entidade única, com um cerne e destino próprios. A esse respeito a sociologia moderna segue inconscientemente uma tendência paralela àquela que prevalece, por exemplo, na moderna biologia. Ambas parece focalizarem sua atenção sobre a estrutura e a organização, e avaliar a significação destas para o comportamento da célula, tanto quanto dos se-

res humanos. Naturalmente, isto não é uma revivência da teoria que considera a sociedade como um organismo e usa o método biológico para o estudo da sociedade humana, pois fora da analogia de estrutura, há intermináveis processos sociológicos genuínos, aos quais não se pode fazer justiça em termos de conceitos e métodos biológicos. E, além do mais, há o problema da personalidade que exige um ponto de vista inteiramente novo.

Do mesmo modo, o estudo do comportamento em abstrato não nos leva muito longe. Como vimos no caso das senhoras refugiadas, por exemplo, há muito maior elasticidade no sêr humano médio do que estamos dispostos a admitir. Se apenas a configuração do grupo puder ser mudada e o campo de ação, alterado, o comportamento do indivíduo mudará também. O ideal do método sociológico é desenvolver um estudo do comportamento humano em situações reais, baseado no imenso material coletado pelo historiador, o antropologista, o estudioso da Ciência Política e o economista, o educador, o assistente social, o juiz e outros. É claro que o material empírico somente se torna eloqüente se alguém tiver os instrumentos teóricos para analisar estas experiências e a técnica de relacionar as formas mutáveis do comportamento humano às circunstâncias sociais em mudança, às quais a natureza humana se ajusta. A crença de que compreendemos a sociedade pelo simples fato de que nela vivemos, é tão falsa como a crença do homem primitivo de que compreendia a natureza porque vivia tão perto dela.

Considerando a grande riqueza de penetração produzida pelo ponto de vista sociológico em tantos campos, parece surpreendente que a ciência tivesse por tanto tempo despercebido o impacto da estrutura social sobre os pensamentos, emoções e ações dos homens. Há uma explicação principal: é que, de modo geral, no passado, a vida de grupo tem trabalhado em silêncio na modelação do homem e na ordenação de sua conduta, e onde ocorreram dificuldades, o homem reajustou-se inconscientemente às condições mudadas. O milagre que aconteceu às velhas senhoras e aos vagabundos de Homer Lane podia ocorrer somente em grupos pequenos; os poderes regeneradores da vida de grupo remodelavam

seus caracteres sociais, provisionaram-nos com novos ideais e ajudaram-nos a conceber novos métodos de vida em comunidade. Onde o indivíduo *déclassé*, por exemplo, pode ver o valor de sua contribuição à realização do grupo, êle se eleva em sua consciência social, e a participação em um novo propósito reestabelece, de certo modo, seu amor-próprio.

A sociedade, no estágio das comunidades de vizinhança, prosseguia em parte pela atuação inconsciente das tradições, convenções e pelos poderes de auto-regeneração da vida dentro de pequenos grupos. O rompimento ocorreu quando a industrialização e a urbanização deram nascimento aos grupos maiores, que não podem ser manejados no nível da evolução inconsciente. Justamente no momento em que a vida de grupo cessou de regular harmoniosamente o comportamento do homem, o impacto dos grupos e dos fundamentos sociais sobre a conduta e o pensamento do homem tornou-se evidente. Tal qual os rins, no corpo humano, só percebemos estas coisas quando elas cessam de funcionar automaticamente. Por algum tempo, é verdade, tem havido uma crescente consciência de que "há algo errado no mundo", um sentimento de que o indivíduo é vítima de condições caóticas e que a própria sociedade está desconjugada. Mas somente quando a ciência pôs o dedo no ponto ferido foi que a cura se tornou possível.

Uma das principais causas da crise é que os grandes grupos suplantaram em influência os grupos pequenos e que seus problemas não podem ser solvidos senão pelo pensamento consciente e reforma deliberada. A época dos grandes reformadores sociais começou quando as formas tradicionais de ajustamento em sociedade deixaram de atuar. Êles se concentraram, primeiro, numas poucas reformas específicas, e somente umas poucas esferas da atividade humana chegaram a ser organizadas propositadamente, conforme um plano preconcebido. Mas a idéia deitou raízes e tem havido um processo contínuo de aperfeiçoamento social, a partir da antiga legislação sobre trabalho de menores e condições das fábricas, até o estabelecimento recente da assistência social como uma profissão. Isto mostra como cada vez mais os males do desenvolvimento histórico moderno só podem ser curados

pela intervenção com objetivos prefixados. Tem-se tornado evidente que os assistentes sociais não podem mais enfrentar a marcha do problema que defrontam sem que tenham conhecimento científico das causas e significações do desajustamento individual e de grupo.

Com a presente multiplicação dos problemas sociais, chegamos a ver que a mera acumulação de reformas isoladas sem coordenação, somente cria distúrbios adicionais, ou muda as dificuldades de uma esfera para a outra. Por exemplo, a elevação da idade escolar só é praticável se as conseqüências para a indústria forem cuidadosamente consideradas. Assim, atingimos agora a época do *planejamento*, quando a proposital *reconstrução da sociedade como um todo* tem que ser encarada. Planejamento não é somente uma questão de economia ou de urbanismo, como muitas pessoas ainda parecem acreditar. Ele deve, de qualquer modo, levar em conta tôdas as esferas da vida social. Reforma neste nível envolve a consideração das extensas conseqüências de qualquer tentativa de corrigir as deficiências do presente sistema.

O primeiro estágio de planejamento diz respeito, usualmente, a organização, mas quanto mais longe avançamos mais claro se torna que nada de bom resulta de transformações institucionais sem uma completa consciência de seus aspectos psicológicos. Pensar que planejamento consiste em programas de habitações, seguro social ou de distribuição, é ver só um lado do quadro. O estágio seguinte é alcançado quando avaliamos que o modo como o povo reage a êstes programas separados, e como são moldados por êles, é, pelo menos, tão importante quanto os detalhes da organização. Hoje, sabemos que um programa de habitações é um fracasso, se não consegue prover às necessidades humanas dos moradores. Onde quer que o lado humano do planejamento prepondere, a sociologia provê às suas necessidades; pois a sociologia é essa nova *ciência da sociedade que primariamente observa a conduta humana com referência à estrutura social*. Durante algum tempo, as pessoas tinham medo da aplicação da ciência aos negócios humanos e só podiam prever daí regimentação e intromissão sem tato em nossas vidas privadas. Isto,

indubitavelmente, pode acontecer; é o caso em todos os sistemas fascistas.

Para o fascista, planejamento significa regimentação militarista, a aplicação do velho modelo de comando e obediência cega a tôdas as esferas da vida. O *leitmotif* do fascismo é "Obedecer, Lutar, Crer". Mas isto é uma caricatura do planejamento real.

O planejamento real é o planejamento democrático — não a manipulação direta de vidas, credos e crenças, mas uma cuidadosa e prudente redistribuição de circunstâncias e a eliminação desses impecilhos que surgem através do desajustamento da sociedade moderna em larga escala. Uma estrutura planificada, dentro da qual há escôpo para ajustamento espontâneo, libertará as forças de grupo que habilitarão o jovem rebelde, a solteirona frustrada e mesmo o criminoso, a levar uma vida algo mais saudável e equilibrada.

Como ciência, a sociologia não fechará os olhos às realizações na arte do reajustamento humano, onde quer que possam ocorrer. Se, por exemplo, os nazistas conseguiram libertar vários grupos sociais de sua prévia frustração psicológica através da criação de entusiasmo coletivo em proveito do sistema inteiro, esta é, em si mesmo, uma aplicação de um bom método sociológico, embora para um mau propósito. O Arcebispo de Eliot (em "Murder in the Cathedral") diz bem:

"a última tentação é a maior traição:
praticar a ação certa... pela má razão".

Em nosso contexto, o fim do planejamento empresta significação final aos métodos de planejamento.

Entretanto, não é somente o fim que torna o planejamento democrático diferente do planejamento ditatorial e totalitário, mas também o fato de que êle tenta, onde fôr possível, reduzir a regulamentação central em favor de decisões descentralizadas. Naturalmente, em certas esferas, as decisões centrais são tècnicamente inevitáveis, como, por exemplo, no Exército, e mesmo na economia moderna uma grande parte de direção central é inevitável. Mas mesmo nestes casos há uma grande diferença entre as decisões democraticamente controladas pelo centro e as ordens cegamente obedecidas do "Fuehrer". Temos que

encontrar um tipo democrático de planejamento que repouse nos poderes auto-reguladores dos grupos menores que compõem a sociedade e no equilíbrio natural entre eles, não por amor ao indivíduo, e sua vida mais completa, mas também pela sobrevivência da Nação como um todo. Aqui, outra vez, podemos ver um paralelo entre as ciências biológica e sociológica, Needham ressaltou que não é a organização mecanicista, como a do Fascismo, que possui, afinal, a chance de sobrevivência, mas "a organização que se fundamenta e crença da verdadeira natureza dos seres humanos no que ela tem de melhor".

O defeito dos sistemas democráticos existentes não é o de que haja democracia de mais nêles, mas o de que ainda há muito pouca, e que a espontaneidade dos pequenos grupos ainda não foi, seja na fábrica ou em qualquer parte, traduzida em condições de sociedade em larga escala.

Esta não é, admita-se, uma tarefa leve. Ela requererá o pensamento e experiência de, pelo menos, uma geração. Sem dúvida, falharemos constantemente, mas uma coisa é certa: enquanto não conseguirmos fazer os processos democráticos funcionarem dentro da estrutura da sociedade moderna, estaremos destinados a viver num caos ou numa prisão.